

der a ação dos leigos não como prolongação da ação da Hierarquia. Eles possuem o seu próprio lugar dentro da Igreja como leigos, e devem agir nesta propriedade, a título próprio" (Igreja Carisma e Poder, Vozes, 1981, pág. 55).

Faz-se necessário ressaltar aqui o papel da mulher na Igreja instituição.

A mulher, assim como o homem, é imagem de Deus. "Deus criou pois o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus, homem e mulher os criou" (Gen. 1,27) "A tarefa de dominar o mundo, de prosseguir na obra da criação, de serem com Deus co-criadores, cabe pois tanto à mulher como ao homem" (DP. 841).

Desde o A.T. nos deparamos com a participação feminina - Maria, irmã de Moisés, Ana, as profetisas Débora e Hulda, Rute, Judite, e outras (cf. DP. 842). Sabemos também que, nos primeiros séculos da Igreja, a mulher chegou a exercer o ministério diaconal (cf. Rom. 16,1).

A mulher, assim como o homem, é imagem de Deus.

A mulher foi, é e será sempre uma "ponta de lança" materna e libertadora, de uma sociedade machista que a marginaliza. Infelizmente, a mulher ainda é tratada como mera "assistente" de muitos pastores. Parece que o homem clerical teme a perda ou destronamento de um poder que foi dado a ambos os sexos: O de trabalhar pelo Reino de Deus. Não estará a Igreja perdendo por não dar mais campo e oportunidades à mulher na ação pastoral?

A própria história comprova a figura feminina como propulsora de muitos movimentos populares com total disponibilidade para a ação no trabalho eclesial. É a força de sua mística que encarna o lado materno de Deus.

Ainda assim, muitos se fazem surdos ao belo canto libertador de Maria, mãe do Senhor (cf. Luc. 1,46-55).

"A Igreja é chamada a contribuir para a promoção humano-cristã da mulher, ajudando-a assim a sair das situações demarginalização em que se encontra, capacitando-a para sua missão na comunidade eclesial e no mundo" (DP. 849).

Não só nesta pesquisa, mas no constante contato pastoral com o povo, deparamos com muitas exigências e fortes desejos de participação mais direta nos trabalhos missionários. Percebemos isso quando vemos leigos imbuídos de vigor ofertarem seus serviços nos grupos de reflexão, nas CEBs, na conscientização popular que progride a cada dia, buscando uma catequese mais atualizada, principalmente voltada aos problemas sociais latino-americanos.

Vemos leigos imbuídos de vigor ofertarem seus serviços nos grupos de reflexão, nas CEBs, na conscientização popular que progride a cada dia.

Enfim, para ser conduzida pela idéia de serviço e participação, a Igreja não pode mais ser inútil, com estruturas rígidas, e trabalhar com referências definitivas e absolutas. Serviço não se impõe, mas vai de encontro às necessidades. Ela não pode esquecer nunca sua dimensão de provisoriedade e de assumir uma atitude de contínua adaptação aos contextos históricos para prestar seu fiel serviço evangelizador.

"A estratégia libertária do povo se orienta pela superação da atual estrutura monopolística seja do poder civil, seja do poder sagrado, na direção de uma sociedade o mais participada possível" (L. Boff, *ibidem* pág. 185).

Concluimos que o sistema piramidal hierárquico está falho nesta nova sociedade. O método libertador é cíclico, isto é, Cristo - comunidade povo de Deus - pastor. Desta maneira sempre será possível a fraternidade, o progresso e a realização do Reino que começa aqui nesta terra.

"Nenhuma posição neste mundo é irreversível"

Pe. Helcion Ribeiro

Leigos pobres na renovação da Igreja em Santa Catarina

Há, atualmente, na Igreja em Santa Catarina uma renovação ímpar que tem paralelo com dois outros momentos. O primeiro ocorreu tão logo foi criada a diocese de Florianópolis, pelo Papa Pio X, em 1908. Nos quatro anos de pastoreio, D. João Becker dinamizou toda a sua diocese, que inicialmente tinha 41 paróquias, 4 curatos e 4 comarcas. O bispo teuto-brasileiro criou mais 5 paróquias, 4 curatos e 10 comarcas, escreveu 5 cartas pastorais, mandou pregar 91 missões populares, convocou o Primeiro Sinodo Diocesano - o do Brasil, fez 12 visitas pastorais e presidiu um Congresso Sacerdotal. Tudo isso num tempo de acirrado anticlericalismo e intensa atuação maçônica.

O segundo período foi o dos primeiros cinco anos do Regional Sul IV (1970-1975). Nesse período foi organizada a Igreja em Santa Catarina, que implantava decididamente o Concílio Vaticano II. O dinamismo do Regional impulsionava todas as dioceses e movimentos, acentuando a renovação "ad intra". Foi uma fase de fervor e entusiasmo religiosos, onde nossa Igreja renovou os seminários, impulsionou a liturgia e a catequese, incentivou movimentos tipo Cursilhos de Cristandade, Encontro de Jovens e retiros. Os bispos e o clero se encontravam freqüentemente para estudos teológicos-pastorais. Tentavam-se análises de conjunturas sócio-econômicas da realidade catarinense (a partir do sistema) na ótica da criatividade.

O terceiro momento não atinge o Estado como um todo e por isso se torna menos perceptível. Também a pouca distância da história torna mais difícil aprendê-lo. Ainda a difi-

culdade está em que normalmente a leitura religiosa, em SC é clerical mesmo quando feita por leigos. Esse terceiro momento poderia ser identificado como a "primeira hora do leigo" ou a "Igreja ad extra".

De modo geral, a Igreja nossa não tem uma "pastoral agressiva", inovadora. Caminhamos, nesse sentido, quase como que a reboque, contudo temos um episcopado, clero e religiosos razoavelmente atualizados. Nossa pastoral é predominantemente reformista; não sente os contrastes graves e velados que estão no contexto estadual; as contradições de classes entre nós parecem ser ignoradas num propositado ocultamente ideológico que somos um povo modesto e laborioso. A leitura religioso-pastoral tende a privilegiar o funcionamento harmônico na sociedade.

A Igreja nossa não tem uma "pastoral agressiva", inovadora.

Contudo, uns poucos cristãos começam a ler a história catarinense pela ótica dialética e constataam a predominância de uma proposta dominadora. Mais ainda: muitos cristãos catarinenses começam a preferir uma pastoral contextualizada, o que lhes vai exigindo não uma acomodação ao Evangelho, mas uma radical opção evangélica. Essa postura é um serviço novo na Igreja catarinense, e ela extrapola à ação do clero (o qual em certos momentos chega até mesmo a combatê-la. Numa de nossas dioceses o bispo tem encontrado dificuldades para encontrar padres para um programa de uma atuação social mais empenhativa.)

A nova prática social

Aqui e ali inúmeros cristãos — envolvidos também na atuação — "ad intra" — vem assumindo seu papel "no mundo", num legítimo exercício do sacerdócio comum dos cristãos comprometidos com Cristo. Esse fato pode não ser visto por olhos acostumados em outras paisagens. Mas quem pode negar o entusiasmo e as conquistas das mulheres agricultoras, da reconquista dos sindicatos apelegados, dos movimentos dos sem-terra, das ocupações pacíficas de terras, dos acampados, etc.? Evidentemente, tais comportamentos novos dos cristãos não têm a explícita manifestação religiosa, e muito menos cúllica. Mas, seriam essas as dimensões que o Senhor privilegiaria ao ver seu rosto desfigurado? É uma doce ilusão perceber apenas alguns rostos saudáveis e rechonchudos de "loirinhos" alemães ou "gringos" italianos, que aos domingos vão às nossas igrejas, esquecidos muitas vezes que nossa fé continua durante a semana toda.

As experiências da Fazenda do Burro Branco, a posse socializada da terra em Quilombo, o Projeto Vianei em Lages, a comercialização direta do peixe em Florianópolis, a quase centena de fornos comunitários, as fabriquetas comuns de sabão, as redes comunitárias, etc., são outros modos da vivência cristã na recuperação da imagem de Deus. Os irmãos que se põem nessas tarefas comuns — todos eles impulsionados por sua fé cristã — estão a reconstruir a glória de Deus no homem vivente.

O acesso ao solo urbano e o movimento da luz (Fpolis), a postura do operário frente à escala de revezamento 4x1 (Blumenau, Gaspar), a movimentação pela Constituinte (Lages, Joinville), o empenho contra a discriminação racial (Tubarão), luta pelos Direitos Humanos (Itajaí), são outras tantas posturas leigas no espaço urbano, onde é abraçada a causa do Senhor, que veio para que os cegos vejam, os coxos andem e seja "proclamado o ano da graça do Senhor".

Outro programa intenso tem sido o da saúde comunitária. Têm sido multiplicados amplamente os cursos para os "agentes de saúde", oportunizando uma nova conduta frente não apenas à doença, mas à própria saúde. São centenas de canteiros com plantas medicinais, em meio às verduras, que passam a substituir a deseducação sanitária brasileira — impingida pelas multinacionais farmacológicas — por um processo de educação sanitária, não apenas mais barata e conivente com a situação sócio-econômica do povo, mas também mais saudável. Esse processo de reeducação tem enfrentado não poucas oposições por parte de outros "agentes da doença", tão privilegiados nesse país.

Deve-se observar nesse dinamismo cristão "catarina", a atenção que a política vem merecendo. Há uma sensível conscientização de que as comunidades não podem mais ficar à margem desse processo. E aqui estão surgindo, ao menos, três atitudes novas.: uma, a dos líderes — nascidos e criados à sombra da Igreja — que optam por uma política partidária, abandonando a comunidade que não conseguiu mais dar-lhes respaldo; uma segunda apresenta o desencanto generalizado com os atuais profissionais da política e preferem se omitir; e a terceira — que cresce nesse ano de eleições — a de que o cristão tem que ser militante político-partidariamente. Por isso, alguns cristãos se engajam decididamente como candidatos aos postos eletivos tradicionais e à Constituinte. As comunidades cristãs estão no mundo e não podem coibir que seus filhos desperdicem os carismas dados pelo Senhor em função do bem público e comum. A omissão político-partidária do cristão tem resultado nesse crescente deapauramento nosso¹

A nova realidade eclesial de SC, se contrapõe a um certo cansaço (?!) de outras forças.

Leigos Pobres

Essa nova realidade eclesial de SC, se contrapõe a um certo cansaço (?!) de outras forças que foram propulsoras da militância cristã há tão pouco tempo. No entanto essa leitura sucinta oportuniza um outro aspecto ímpar: a Igreja em SC durante muito tempo "investiu" na formação de líderes — sejamos honestos! — de classe média; mas o dinamismo presente provém dos menos favorecidos, dos pobres. Praticamente todos os comportamentos acenados têm acontecido entre os cristãos que são pobres. A pequena e média burguesia catarinense não tem trazido algum contributo significativo, ao passo que os pobres vêm apresentando um dinamismo

mo renovador². Esse fenômeno comporta não apenas uma análise sociológica, mas inclusive teológica e pastoral. O entusiasmo e a renovação de nossa Igreja está passando pelo leigo pobre que cria um novo tipo de fraternidade, vivida desde a fé. Essa gente toma a consciência de que "a Igreja é nossa", mas a nossa Igreja não é apenas de sacristia, seminários ou casas paroquiais: ela existe dentro do mundo. Por isso a militância se faz em nome da Igreja, no coração do mundo. O sacerdócio comum dos fiéis habilita o cristão a apresentar ao Pai — a pleno direito — um culto novo, onde a oferta é o fruto do trabalho secular que luta pela dignificação do homem, reconstrói seu rosto desfigurado pelo pecado social e pessoal e se empenha na libertação desses filhos de Deus.

O dinamismo presente provém dos menos favorecidos, dos pobres.

O cristão pobre — na força do Espírito — está contribuindo para que a Igreja em SC se dinamize, fazendo com que ela se aproxime do homem e do Deus, que privilegia os simples e pequeninos, despreza os homens de coração soberbo e cospe todo aquele que é morno. A manifestação desse povo na Igreja — propiciada pelo Vaticano II, Medellín e Puebla — é uma riqueza que certamente poderá, inclusive, propor sugestões ao próximo Sínodo a se realizar no final de 87, em Roma.

Notas:

¹ O quadro aqui apresentado não pretende esgotar a amplitude dessa consciência nova "ad extra" da Igreja catarina, muito menos tem a pretensão ufanista de dizer que avançamos tanto a ponto de querer ser "mestre em Israel". Ao teólogo cabe fazer a leitura desses sinais dos tempos subsidiando os irmãos na fé. Mas evidentemente compete ao bispo, de modo explícito, confirmar os carismas e incentivar a que o cristão se posicione maduro e autonomamente como construtor plurivalente dessa cidade secular.

² Aqui não se pretende historiar o papel do cristão na vida interna da Igreja, pois isso é quase óbvio, mesmo em que pese o responsável controle do clero local e romano. Observe-se que na vida interna da Igreja há uma participação maior de grupos sociais mais favorecidos em SC.

Endereço do Autor: Casa Paroquial — Saco Grande II
Rod. Virgílio Várzea, s/n — 88 030 — Florianópolis — SC.

Pe. Helcion Ribeiro

A Igreja e a Conjuntura em Santa Catarina

A Igreja em Santa Catarina está envolvida pelas mudanças sociais que se tem vivido no Estado. E é fundamental ter

consciência desses fatos para que a reevangelização a ser trabalhada possa ser eficaz.

Sem dúvida nenhuma as transformações aqui ocorridas não estão desligadas de um contexto maior. Desse modo, no atual comportamento "catarina" repercutem a influência mundial e o avanço tecnológico, de novos padrões comportamentais de mudanças de mentalidade. Deve-se ter presente que a TV é a "educadora" de nossas atuais crianças, adolescentes e não poucos jovens, sejam eles do campo ou da cidade. Em termos latino-americanos, somos irmãos no processo do crescente empobrecimento e aumento de dependência do Atlântico Norte. Mas por outro lado a consciência de nossos problemas nos unem. Surgem criativas soluções "crioulas" e passamos a viver no Atlântico Sul novas expectativas. Na transformação brasileira, participamos também na mudança de comportamentos (ah, "santa" Globo, de quem esse Brasil sentimental depende), no modelo econômico capitalista, nas injunções multinacionais, na assimilação da ideologias alienígenas e alienantes, nas mudanças de pessoas nos postos políticos. No entanto há em SC alguns elementos que são significativos numa análise conjuntural.

1. — NOVOS FENÔMENOS CATARINAS

Elencamos alguns que particularmente chamam a atenção no processo de evangelização. Dois fenômenos históricos "catarinas" são aqui supostos como conhecidos do leitor: a) — o *ilhamento sócio-cultural do Estado* e b) — o *esquartejamento econômico a que estamos submetidos por diversas situações históricas ligadas ao Paraná e Rio Grande do Sul*.

Além desses fenômenos, nas últimas três décadas vem surgindo novas situações: a) — *mudança geográfica de habitação*: Propositadamente não usamos êxodo rural por compreender que — apesar de mais de 60% da nossa população morar nas cidades — o *homem catarinense é rural, isto é, tem mentalidade rural*. Foi morar na cidade, adquiriu novos comportamentos, mas fundamentalmente é rural, mesmo em se falando no mundo universitário. Daí a evangelização terá em conta um homem rural, deslocado de seu habitat, mas que conserva, no novo local de moradia, a antiga percepção do mundo;

Dois fenômenos históricos "catarinas" são aqui pressupostos: a) — o ilhamento sócio-cultural do estado e b) — o esquartejamento econômico a que estamos submetidos por diversas situações históricas ligadas ao Paraná e Rio Grande do Sul.

b) — A mulher é outro fenômeno importante. A mudança de comportamento nela é muito mais significativa que no homem. Ao mesmo tempo há um significativo deslocamento de seu papel social. Isto vai implicar profundamente no processo de catequese, que na prática era de seu domínio praticamente exclusivo, com uma conseqüente religião de senti-